



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

S. Petersburgo, o mundo; Transcrição de páginas de um diário; Uma vida em Paris

José Ricardo Nunes

Para citar este documento / To cite this document:

José Ricardo Nunes, "S. Petersburgo, o mundo; Transcrição de páginas de um diário; Uma vida em Paris", *Colóquio/Letras*, n.º 179, Jan. 2012, p. 149-153.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

S. Petersburgo, o mundo

Nunca o mundo me pareceu tão infinito, o livro do Cesário mesmo à mão, de frente um sol que não deixava ver nada. Um consumado demolidor de fronteiras, o sol. Depois só poderia mesmo ser o mundo, bastava lançar os dados e pedir o número. Qualquer destino precisa de um mínimo de exactidão e eu sonhava e os dados rolavam no veludo, as minhas falangetas a estalar conseguiam autênticos milagres.

Eu, num Março da Consolação, o mundo, os versos, uma coisa qualquer que me toma e ameaça nunca mais acabar, uma trepidação.

O mundo sempre depois de S. Petersburgo, mas com dúvidas legítimas quanto à via-férrea. Ainda ontem discutíamos o assunto: em que década assassinaram o comboio? Devemos localizar Santa Apolónia em todos os textos e substituir pela Portela ou por um automóvel a gasóleo, de preferência já com as malas presas ao tejadilho? Uma operação quase automática.

Outros ensinam que o mundo fica escondido atrás de uma espécie de cortina. Descemos e subimos consoante as inclinações, as sublimações, as momentâneas disposições. Mas com experiência torna-se indiferente. Lançam-se os dados e já está. O mundo em todo o lado. Experiência, perícia, intuição, um pouco do inato talento que faz de nós seres volúveis e pouco confiáveis, em suma, estátuas que recusaram o molde e compreendem, aterradas, que jamais lhes será permitido saber qual a sua origem, que mãos as cinzelaram.

Dantes precisávamos muito mais do mundo. Hoje em dia talvez o mundo não passe de uma longa sucessão de imagens: fotografias, documentários exibidos na televisão, milhares de páginas disponíveis para os sonhos dos internautas. Levantamo-nos à pressa e colamos os fragmentos. Andamos todos a fingir. Surpreendemo-nos, fingimos que nos surpreendemos. Conforme a ocasião.

O mundo, pois, escrevia eu em estado de necessidade. A memória certificava-se da sua própria existência e dava as mais modernas garantias bancárias. Ainda não sabia o que é um verso e já se revelava impossível satisfazer a credora. O torvelinho, a voragem, o comboio parte à tabela em qualquer época e larga um rolo de fumo, o fumo não nos deixa ver o mundo que se adivinha mais à frente, vamos e ficamos com os que se vão e com os que ficam, minutos depois o fumo dissipa-se, somos o rosto de quem se despediu, enojados com a mão suada que apertámos, não há ninguém nem mundo que nos valha. Em Santa Apolónia ou no aeroporto, tanto faz.

Madrid, Paris, Berlim, por esta ordem ou seguindo outro itinerário, S. Petersburgo imperiosamente antes do mundo, um verso, mesmo não sabendo eu prosseguia à toa. Acumulava lugares, experiências, bandeirinhas. Jogava uma e outra vez, pensava que seria até à morte, mais adiante uma voz interrompia os versos que me sacudiam, balanceavam, pouca terra, assemelhava-se a um coração. Uma voz, o corpo a crescer, o meu pai explicava-me o que era a responsabilidade. Aproximava-se, sentia o cheiro frio do tabaco entranhado na roupa do meu pai, os seus olhos pegavam-se aos meus. Turvos de culpa. Isto não poderia ser o mundo.

Quanto a S. Petersburgo hesito: mais do que nome de lugar? De vez em quando vencia, ai que festa, mas em regra quem levava a melhor era o Ramiro. Um lugar de passagem. Hoje percebo que chegar a S. Petersburgo era o momento culminante do jogo. A melancolia, o livro do Cesário, um mês de Março na Consolação, muitos anos depois percorreria aquelas ruas, lembrava-me de tudo e sorria, tão feliz quanto os que se vão. Porque a seguir a S. Petersburgo ainda havia o mundo, obrigatoriamente, fosse o que fosse.

Transcrição de páginas de um diário agrafadas à contracapa de uma tradução portuguesa de *Os Detectives Selvagens* encontrada na cidade do México

16 de Fevereiro

Hoje descobri finalmente aquele português que anda a perguntar a toda a gente por mim pela Cidade do México. Caminhava com o mapa aberto e olhava alternadamente para o mapa e para os edifícios da capital, como se alguma vez pudesse haver uma correspondência perfeita. Marcha arrastada, como é evidente. Pensava que se trataria de um pobre diabo e ao avistá-lo, ao longe, julguei que se confirmavam essas suposições. Precipitei-me, foi o que foi.

Com o tempo perdi algum do meu radicalismo. Onde parava toda aquela saborosa selvajaria? E de repente tinha regressado a essa época, ao deserto de Sonora, ouvia ainda o ronco do *Impala* e sentia o pó a fazer-se, havia depois de se manter em suspensão e cair em cima de tudo. O tempo não passa disto. E eu disse-lhe que era altura de voltar, mas Lupe não quis, de modo que a deixei sozinha. Não me arrependo. Não me arrependo de nada. Quanto aos cadernos de Cesárea, foi uma pena. Os acontecimentos mudaram-me. Nunca mais me interessei pela literatura. Dei a volta à minha vida, uma volta completa. Hoje, com este emprego no museu, posso considerar-me um homem feliz. Um homem, pelo menos, com as contas acertadas com o seu destino. Este era o meu estado de espírito até entabular conversa com o português.

Sentámo-nos no café da Rua Bucareli. Tive dificuldade em reconhecer o local. Reorganizaram o espaço e renovaram a decoração. Mas o espírito continua a ser o mesmo. Um sítio óptimo para tentar perceber as intenções daquele intrometido. Contudo, iria enfrentar um homem bem preparado. E já não tinha na ponta da língua as afirmações que dantes me saíam da boca como se respirasse. De início, não me pareceu mau sujeito. Talvez demasiadamente triste. Um pouco absorto, porventura. Não mostrava interesse por nada. Sentia-se em casa. Não vagueava realmente pela Cidade do México. Fiz-lhe notar que ele não parecia estar ali, que poderia estar noutro lado sem que sentíssemos diferença. Ele sorriu vagamente. Nem pareceu reparar no meu comentário. Talvez já estivesse habituado a que as pessoas lhe dirigissem um tal comentário. E foi isso que fez aumentar a minha desconfiança.

Que ideia, essa, de se meterem pelo deserto à procura da Cesárea Tinajero. E as longas, demoradas, tortuosas investigações daqueles dois alucinados, dois teimosos, deste e do outro lado do Atlântico! Eu não mais tivera notícias de Belano e de *Ulises* Lima e fiquei de todo alarmado quando ele se pôs a falar de mim, com tantos pormenores, um estranho, um perfeito desconhecido, é para dar com um gajo em doido, pensei eu, mas não exteriorizei, não quis dar parte de fraco. Equacionei a hipótese da loucura, cogumelos, alucinações. Escrevia páginas insípidas. Não era pessoa que valesse a pena conhecer. Havia a literatura. Contou-me tudo isto à mesa do café. Preparei uma resposta torta caso me propusesse trocarmos de vida, imaginem-me a caminho da Europa, eu, um modesto funcionário de museu, que não completou os estudos (culpa exclusivamente minha, admito), que desleixou a sua cultura nos últimos anos para se dedicar a ser feliz, e foi preciso tanto empenho, esforcei-me à brava. Vou publicar os meus textos no magazine cultural da empresa onde trabalho, contou-me ele. A vida é isto: alimentar o inferno. Mas ninguém aceita facilmente que uma ave bonita, de grande envergadura, possa subir das entranhas da terra para cruzar a vastidão do céu. E nisso está-

vamos de acordo e eu exprimi-lho sem reservas. O inferno, não saber como sair dali, cuidar das flores que brotam, que ardem no inferno, a literatura.

Acompanhei-o ao hotel. A fachada era-me familiar. Antes de entrar ofereceu-me *Os Detectives Selvagens*. Nunca ouvi falar do livro. Ao despedir-se pediu-me ainda para o acompanhar a casa das irmãs Font. Embora tivesse sentido um arrepio muito gelado na espinha, aceitei encontrar-me com ele amanhã ao final da tarde.

Vim para casa a pé. Censurava-me asperamente, enquanto caminhava, por não ter conseguido arrancar-lhe uma explicação, uma simples palavra acerca dos motivos que o haviam trazido ao México e por que carga de água andava à minha procura. E porquê eu? A que tipo de pessoa interessaria a minha existência vulgar, anónima? Um tipo hábil. Bem que me iludiu com a sua conversa. Terei que voltar a tentar amanhã.

Ao entrar no quarto arremessei o livro para debaixo da cama. Estou a escrever à janela. A noite continua magnífica. Já é muito tarde.

17 de Fevereiro

Dormi mal. Acordei por diversas vezes. Bebi água, fumei cigarros uns atrás dos outros. Sonhei muito e sempre o mesmo sonho: o livro aumentava de tamanho, atingia proporções inconcebíveis e o português atirava-me lá para dentro. Depois não me iria acontecer mais nada, o tempo parava de repente e eu exclamava (embora ninguém me ouvisse) que a paragem do tempo é ainda pior do que a morte. Normalmente não me deixo condicionar pelos sonhos, mas confesso que me levantei aterrorizado.

Ouvira dizer no museu que um português andava a recolher informações a meu respeito. Considerava-me um homem feliz, mas tinha de admitir que faltava alguma coisa à minha vida. Tarde para me arrepender.

Feliz. Aterrorizado.

É um volume grosso e largo e caiu de chapa em cima da mesa da cozinha. Caiu com estrondo. Fiquei a olhar para o livro. Sem saber se o deveria abrir e ler.

Telefonei então para o museu a dizer que não podia ir trabalhar.

Logo a seguir ao almoço comecei a ler. Corrijo: comecei a ler-me. Ali estava minha vida, passo a passo, dia a dia, pensamento a pensamento, confissão a confissão. Ali obtivera, o português, todas as informações a meu respeito. E eu indignado. Sim, que direito teve esse Roberto Bolaño de pegar nos meus papéis, eu que tivera tanto cuidado em desfazer-me deles, de se apropriar das minhas palavras, de me transformar em coisa sua, dependente da sua vontade e do seu espírito? Esta a minha reacção inicial. Porque logo de seguida entusiasmei-me. Era impossível não ficar excitado com as minhas palavras, as minhas palavras em letra impressa, ainda por cima escritas numa

fase em que eu considerava a literatura como a coisa mais importante, a única coisa importante da vida. E os prêmios que a obra obteve? **García Madero** um grande escritor, ainda que através de Roberto Bolaño — afinal valera a pena.

E com estes pensamentos foi fácil precipitar-me, mais uma vez, e ler de uma assentada e com sofreguidão o resto do meu mês de Janeiro de 1976. Constatei, ao terminar, que parte significativa do meu corpo já se encontrava dentro do livro. Que seria mera questão de tempo — infrutífera, de resto, qualquer resistência — até o livro me absorver.

Claro que já não valia a pena encontrar-me com o português.

18 de Fevereiro

Prossigo com a leitura.

Estou quase todo dentro do livro. O meu corpo inteiro. Leio cada vez mais devagar, prolongo as sílabas, mas sem resultados visíveis. Não sou capaz de deter o tempo. O decurso do meu tempo, uma vez iniciado, não pode parar.

Percebo que me atrasei. Veio o português ao meu encontro, mas podia ter sido qualquer outro.

Antes mesmo de ler, escrever, tudo já acabou. A vida suspensa e depois tudo num ápice. Num ápice decorreram vinte e quatro anos e três dias. Estes três dias, evidentemente, foram os mais importantes de todos.

Uma vida em Paris

Deixei Paris, *Sud-Express*, num domingo, 8 de Julho, ia o Verão bem alto, forçado pelas últimas notícias de casa, mãe acamada, irmãs, a morte que rondava exigindo a sua irredutível consumação. Disseram que piorara muito nos últimos dias, pequeno fio, e desejava ver-me, tocar-me. Por essa razão deixei Paris, onde tinha uma vida.

A composição adiantava-se e engolia a paisagem: construções, terras cultivadas, árvores, animais, cada elemento tinha a sua história, revelava-se com a paisagem e era, por sua vez, revelador. Talvez Deus diante de mim a fazer-me entender. A viagem de regresso resumia-se a este tipo de conexões. De repente tudo passava a ter forma e dimensão exactas, as proporções correctas. E sentia-me capaz de descrever. Ao ponto de o meu passado se tornar inteligível e firme.

Atrás de mim desdobrava-se um universo simétrico com idêntica amplitude que me ia puxando. Contudo, continuava a olhar em redor. E eu nunca olhara tanto. Sabia que a angústia e a dor podem fazer das pessoas seres